



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de comemoração do 35º aniversário da Empresa Brasileira de  
Pesquisa Agropecuária (Embrapa)**

**Palácio do Planalto, 23 de abril de 2008**

Eu tinha acertado com o Reinhold e com o Sílvio que eu não falaria, porque tem a posse do presidente Gilmar no Supremo Tribunal Federal. Mas eles foram tão sucintos que sobrou um tempinho aqui, para que eu pudesse dizer algumas palavras.

Na verdade, eu não vou ler o discurso porque não cabe aqui ler o discurso.

Eu queria cumprimentar os ministros,

Os governadores,

Os homenageados,

A homenageada,

E dizer para vocês que o Brasil vive um momento de definições, que vão exigir de nós muita disposição política de fazer a boa briga em defesa dos nossos interesses.

Eu digo sempre, e disse para o Sílvio nessa viagem em que fomos a Gana, agora, que quando um time não tem nenhum jogador bom de bola, ele entra em campo, joga o jogo de 90 minutos, é capaz de não fazer e de não sofrer nenhuma falta, porque ninguém bate em jogador que não é bom de bola.

Mas na hora em que o Brasil começa a se apresentar ao mundo não mais como coadjuvante, mas como o artista principal de um cenário de produção de produtos agrícolas, tornando-se mais competitivo em vários deles, e tendo a possibilidade de se transformar naquilo que todos da minha idade aprenderam com seus pais, que o Brasil, um dia, seria o celeiro do mundo, as



peças começam a ficar incomodadas com o Brasil, e muito incomodadas. Eu diria, muitas vezes, até com leviandades contra o Brasil.

Em reuniões em organismos multilaterais, muitas vezes o Brasil é acusado de muita coisa, que vai desde o desmatamento ao trabalho escravo, ao mau pagamento de salário. Agora, mais uma novidade, que é a falta de alimento, por conta dos biocombustíveis, e vai por aí fora.

E nós, Sílvia, precisamos juntar – certamente parte dela, ou toda, está aqui – a inteligência brasileira, para estabelecer uma estratégia de atuação do Brasil nesse mundo em que a agricultura passa a ter um peso extremamente importante.

Houve alguns que acharam que quando o Brasil fez a opção pela industrialização, a agricultura perderia a sua importância. E a agricultura volta, hoje, com um peso extremamente importante no cenário mundial. É uma situação, eu diria, delicada, por um lado, mas ao mesmo tempo estimulante, por outro. Porque é verdade que nós temos problemas de alimentos em vários países do mundo, temos problema de inflação, causada pelo aumento dos alimentos, do Chile à China, passando pelo Brasil e por outros países. E as pessoas começaram, então, a dizer que o problema da crise do alimento se deve ao fato de que o Brasil produz muita cana e está produzindo o biodiesel e que, portanto, nós somos o “patinho feio” da história.

O que é engraçado é que essas pessoas que estão criticando os biocombustíveis e que estão preocupadas com o preço do alimento, nunca fizeram uma crítica ao preço do petróleo, que salta de 30 para 120 dólares. Nunca fizeram uma crítica! Nunca reconheceram publicamente o quanto implica, no custo do alimento, o aumento do preço do petróleo; quanto implica na produção de fertilizantes o aumento do petróleo e o aumento do gás. E tentam, com uma transferência muito simplista, fazer um debate com o qual nós não deveremos nos preocupar, porque esse debate nós ganhamos. Ganhamos economicamente, ganhamos tecnologicamente, e vamos ganhar



politicamente.

Eu estou convencido de que o momento é um momento extraordinário para o nosso País. Eu penso que chegou um pouco a vez do Brasil ter uma voz mais, eu diria, mais ativa e mais forte, nesse mundo globalizado. Porque senão, eles vão criar a idéia que o Zebu não é gado, portanto o Brasil não pode exportar carne; vão criar a idéia que o Brasil está plantando cana na Amazônia e que, portanto, ninguém pode comprar álcool; vão criar a idéia que o suco de laranja do Brasil talvez não seja de qualidade, ou que o café brasileiro não seja de qualidade, ou que outros produtos brasileiros não sejam de qualidade.

E o que está escondido atrás desse debate? A manutenção da velha política dos países ricos, de manterem seus subsídios aos produtos agrícolas para os seus agricultores, e nós estamos sentindo agora, na Rodada de Doha, para não flexibilizar a entrada dos produtos agrícolas dos países pobres no seu mercado. E, para isso, vale até financiar agricultores lá dentro para não produzir.

Nós estamos convencidos de que a Embrapa pode jogar um papel extremamente importante. A Embrapa, que é a responsável pela revolução da agricultura brasileira. E, agora, com esse sistema de trabalhar junto com as entidades estaduais, e muitas de muita competência, mas que trabalhavam isoladas, cada uma para si, Deus para todos. Sistema de integração que a Internet pode promover e, sobretudo, depois do Centro da Embrapa em Campinas, vai permitir que a gente tenha acesso com mais velocidade às informações e torná-las mais ou menos homogêneas para todos os pesquisadores, seja nas entidades, seja nas próprias universidades. E eu estou convencido de que a Embrapa precisa ocupar um espaço maior no cenário mundial.

Nós fomos à África, fomos a Gana inaugurar um escritório da Embrapa. O fato de a Embrapa ter dois pesquisadores em Gana, na cidade de Acra, já permitiu que esses pesquisadores da Embrapa visitassem 17 países africanos



e que já tivessem feito consulta à distância em mais 10 países. Isso significa, pelo menos é a esperança que eu tenho e olho muito no mapa mundi para perceber, é que possivelmente a savana africana tem muito a ver com o cerrado brasileiro. E, possivelmente, com um pouco de trato na terra, a gente pode transformar o continente africano não no continente da fome, mas em um continente altamente produtor de comida, de álcool e de biodiesel, coisa que os europeus e os americanos, se forem inteligentes, ao invés de serem contra e ao invés de ficar fazendo álcool de beterraba ou de canola, ou de milho, contratam parcerias com os países africanos e dão àquele povo o direito de trabalhar, o direito de comer, o direito de ter renda e fazer com que essa parte do mundo que foi esquecida durante todo o século XX tenham chance no século XXI.

A mesma coisa vale para a América Latina. Aqui tem vários companheiros que já foram à Venezuela e eu há muito tempo ando preocupado com a Venezuela, dizendo ao Chávez que é preciso que a Venezuela comece a se transformar em auto-suficiente na área de alimentação. Nenhum país tem soberania se ele não tiver segurança alimentar e não for capaz de produzir boa parte daquilo que o seu povo come. E para isso a Embrapa montou um escritório lá. E nós queremos, a partir de Caracas, transformar não apenas a Venezuela, mas todos os países da América Latina até o Caribe, em países que possam se utilizar do avanço tecnológico da Embrapa para se transformarem em centros de excelências na agricultura tropical.

Por isso, eu tomei a iniciativa de propor um PAC. De vez em quando, quando as coisas dão certo, a gente vai pegando moda. Então, foi o PAC da Saúde, PAC da Segurança e aí, um dia eu encontrei com o Silvio... Teve um tempo que a Embrapa só vinha aqui pedir aumento de salário, aumento de salário. Aí, quando foi um dia o Silvio veio me comunicar que tinha feito um acordo com a Embrapa e que já fazia dois anos que o pessoal estava tranqüilo. E eu falei: “Silvio, então vamos aproveitar a tranqüilidade, falta você me



apresentar uma proposta para que a gente coloque mais dinheiro na Embrapa para melhorar as pesquisas na Embrapa, os investimentos na Embrapa”. Vamos criar o PAC da Embrapa. Esse PAC, na verdade, está pronto já há algum tempo. É que nós ficamos esperando o dia do aniversário da Embrapa para a gente lançar.

Então, eu queria dizer Reinhold Stephanes, Sílvio e companheiros governadores, ministro Cirne Lima, homenageados e pesquisadores da Embrapa, que o desafio é a coisa mais extraordinária na vida de um ser humano. Não tem nada mais importante para a gente viver o dia seguinte do que um desafio. E a Embrapa e o Brasil estão desafiados. Desafiados a fazer com que o Brasil se transforme em uma grande potência econômica, desafiado a fazer com que o Brasil prove ao mundo que é plenamente compatível ser uma grande potência na produção de biocombustíveis e, ao mesmo tempo, ser uma grande potência na produção de alimentos e, ao mesmo tempo, ser um país que sabe preservar o meio ambiente, que sabe cuidar das suas águas. O que nós não podemos aceitar é que as pessoas que já tiveram todo o seu território devastado venham dizer para o Brasil o que a gente tem que fazer. É uma questão de orgulho, não é uma questão de bravata, Guedes, é uma questão de orgulho. É de a gente andar pelo mundo de cabeça erguida.

Eu nunca pensei, ministro Cirne Lima, em defender usineiros. Durante a minha vida inteira eu sempre achei que os usineiros trabalharam para eu nunca ganhar nada na vida, para eu nunca ser eleito. Aí, depois eu virei presidente da República e comecei a ter noção da importância que esse setor tem para o desenvolvimento deste País, do que significa a segunda geração de produção de etanol, do que significa a produção de energia do bagaço da cana, do que significa o mundo começar a consumir álcool para misturar com a gasolina. E comecei a descobrir a importância que a gente tem, dentro do Brasil e que, muitas vezes, por falta de seriedade nossa mesmo, a gente não ganhava os espaços internacionais que nós temos que ganhar.



Por isso, é com muito orgulho que, de vez em quando as pessoas falam: “O Lula defende, elogia o governo Geisel, o Lula elogia não sei das quantas e tal”. Pois eu agora, veja a contradição, Requião: um dos presidentes que permitiu que a gente vivesse o momento político mais crítico da história do País, o presidente Médici, foi o homem que assinou a Embrapa e foi o homem que assinou Itaipu. Em uma demonstração de que cada um de nós tem uma coisa boa para oferecer, tem coisas ruins dentro da gente, e que nós não poderemos ficar julgando eternamente as pessoas por um gesto, ou dois gestos, sem compreender os outros gestos que as pessoas fizeram, que permitiram que o Brasil encontrasse o seu rumo.

Cada um de nós será julgado um dia. Cada um de nós será julgado por aquilo que fez, por aquilo que deixar de fazer, pelos nossos erros e pelos nossos acertos. Esse PAC da Embrapa é para permitir que a geração de hoje da Embrapa, coordenada pelo companheiro Sílvio, seja lembrada, daqui a 20 ou 30 anos, como a geração que definitivamente reconheceu que ou este País investe em pesquisa, em pesquisa e em pesquisa, ou este País será superado por qualquer outro país do nosso continente.

Eu quero dar uma sugestão, viu, Sílvio? O PAC, ele só dá certo se tiver um conselho gestor para acompanhar o gasto do dinheiro. Porque neste País todo mundo sabe que não basta ter dinheiro. Pode ser que o governador tenha dinheiro, o prefeito, o presidente da República. Pode ser que a gente anuncie um programa para gastar milhões e milhões e, no final do ano, não se gaste um centavo daquele 1 milhão, porque ele fica emperrado nos entraves, nas gavetas da burocracia.

Você tem que criar um conselho gestor, ter reunião mensal de cada centavo que foi aplicado e cada centavo que não foi aplicado, saber porque não foi aplicado. Se for preciso afastar alguém que não sabe gastar corretamente o dinheiro, afaste, isso aqui não é uma ação de amigo, isso aqui é uma ação do Estado brasileiro, portanto, as coisas têm que acontecer, não



há tempo a perder. Cada ano que a gente perde, a gente fica um ano atrasado.

E o mundo, neste momento, sobretudo na questão de alimento, não pode esperar. As pessoas agüentam crise econômica, as pessoas agüentam crise política, mas na hora que o mundo se deparar com o problema de falta de alimento, nós vamos ter problema sério.

Eu fui, agora... O Sílvio sabe quantos países vieram pedir, para saber se o Brasil tinha arroz para vender. Arroz. Todo mundo quer comprar arroz. E o Brasil não tem um estoque que possa permitir abrir mão do seu estoque. Já tinha até vendido umas 500 mil toneladas e foi obrigado a parar porque nós não podemos vender e deixar o Brasil correndo risco.

Então, companheiros, o desafio não é do Sílvio, o desafio não é do Reinhold Stephanes, o desafio não é meu. O desafio é de todos nós, brasileiros, trabalhadores e pesquisadores, governos, Poder Legislativo, porque nós temos 3 anos para que a gente prove que valeu a pena acreditar em pesquisa. Porque a Embrapa é uma coisa, mas o Sérgio Rezende tem 41 bilhões de reais para gastar até 2010. É muito dinheiro. Se não for ágil, termina o mandato e o dinheiro está aí sem gastar. Não fica aí, porque tem superávit primário, tem tantas outras coisas que vão consumindo esse dinheiro. E nós não queremos isso.

Eu vim agora, na escada, perguntando para o Sérgio: “Sérgio, está bem? Está funcionando o PAC? Tem conselho gestor?” Ele me disse que criou até um ouvidor, dentro do Ministério, para poder acompanhar.

Então, hoje é um dia de alegria para mim. Alegria pelos 35 anos da Embrapa, alegria pelo PAC, e alegria pelo que o Brasil pode fazer, nesse momento, para ajudar os países em desenvolvimento e para ter uma boa demanda com os países ricos, para que eles possam entender as necessidades dos países pobres.

E, certamente, a Embrapa vai ter problema. Vai ter um monte de gente que não vai gostar que a Embrapa se meta a ajudar a África, a ajudar a



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

América Latina, a ajudar o Caribe, porque eles gostam muito de nós, desde que nós não saíamos do nosso terreiro. E nós queremos visitar outros quintais.

Um abraço, boa sorte e parabéns à Embrapa.

(\$211A)